



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO LÍNGUA ESPANHOLA

REGINEIDE GOMES DE CANTALICE

A PRESENÇA DO DUPLO NO CONTO “O OUTRO” DE JORGE LUIS BORGES

CAMPINA GRANDE
DEZEMBRO /2011

A PRESENÇA DO DUPLO NO CONTO “O OUTRO” DE JORGE LUIS BORGES

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para o encerramento da Disciplina TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), em cumprimento às exigências para obtenção do título de graduado em Espanhol.

ORIENTAÇÃO: PROF. ESPECIALISTA. ALESSANDRO GIORDANO

CAMPINA GRANDE

DEZEMBRO /2011

C229p Cantalice, Regineide Gomes de.

A presença do duplo no conto o / “outro/” de Jorge Luis Borges [manuscrito] Regineide Gomes de Cantalice – 2011.

27 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com Habilitação em Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Esp. Alessandro Giordano”.

1. Literatura. 2. Conto. 3. Literatura hispano americana. I. Título.

21. ed. CDD 800

A PRESENÇA DO DUPLO NO CONTO "O OUTRO" DE JORGE LUIS BORGES

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em:

 _____ NOTA: 10,0

Prof. Espec. Alessandro Giordano -

Orientador

 _____ NOTA 10,0

Prof. Ms. - Isis Milreu -

1º Examinador

 _____ NOTA 10,0

Prof. Ms. - Thays Keyla de Albuquerque -

2º Examinador

MÉDIA 10,0

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me permitido a força para superar as adversidades e me proporcionado o discernimento necessário para a conclusão desse trabalho.

Aos meus pais, que sempre traziam uma palavra de conforto, incentivo e principalmente pela confiança. As linhas aqui não caberiam, o quanto a eles, eu tenho a agradecer. Em especial a minha mãe, que é a minha fortaleza, o meu incentivo, a minha busca, o meu sonho, o meu brilho. Tudo simplesmente por ela.

Ao meu orientador, Alessandro Giordano pela paciência e pela sua disponibilidade. E aos professores que contribuíram para meu crescimento intelectual.

Aos meus irmãos, pela ajuda, dedicação, confiança e principalmente por estarem comigo em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo Adriano Martins, pela paciência, compreensão e o apoio incondicional.

E aos poucos e raros amigos que apostaram e apostam firmemente na minha capacidade.

A beleza do duplo está no possível encontro consigo mesmo, vivenciando numa ficção magnífica, a busca de uma melhor definição de si, e fazendo desse encontro uma etapa fantástica de nossa vida.

Regineide Gomes de Cantalice

O magnífico da ficção é que a gente pode dizer verdades que possam parecer mentiras, ou dizer mentiras que possam parecer verdades.

Juviniano Gomes de Cantalice

A PRESENÇA DO DUPLO NO CONTO “O OUTRO” DE JORGE LUIS BORGES

Orientanda: Regineide Gomes de Cantalice (Espanhol/UEPB)

Orientador: Prof. Especialista Alessandro Giordano

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma leitura acerca do duplo no conto “O outro” do escritor argentino Jorge Luis Borges, na perspectiva de compreendermos como ele trabalha nesse conto a noção do duplo a partir de um diálogo fantástico dele consigo mesmo. Assim busca-se, a partir de um referencial teórico definir e/ou investigar certas facetas desse autor que vão colocá-lo entre os mestres da literatura fantástica hispano-americana, para não dizer como o mais importante desse tipo de literatura. Para tanto, nos apoiaremos em teóricos como Freud (1919), Kepler (1972), Bakhtin (1997), entre outros que tratam do tema em questão.

Palavras-chave: Duplo. Literatura fantástica. Onírico. O Outro. Imaginário

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo realizar una lectura acerca del doble en el cuento “El otro” del escritor argentino Jorge Luis Borges, en la perspectiva de comprendernos como él trabaja en ese cuento, la noción del doble a partir de un dialogo fantástico de él consigo mismo. Así, se busca a partir de un referencial teórico definir y/o investigar ciertas facetas de ese autor que van a colocarlo entre los maestros de la literatura fantástica hispano-americana, para no decir como lo más importante de ese tipo de literatura. Para tanto usamos las consideraciones de teóricos como Freud (1919), Kepler (1972), Bakhtin (1997), entre otros que tratan del tema en cuestión.

Palabras- clave: Doble. Literatura fantástica. Onírico. El otro. Imaginario

INTRODUÇÃO

Diante de tantas manifestações artísticas, a literatura tem sido, ao longo do tempo, um meio propício para que diversos autores possam representar uma dada realidade, com o poder de recriá-la, ou seja, com o uso de uma linguagem particular, o autor busca reviver situações do cotidiano e atenuar as agruras da vida como um todo. Essa é uma das funções principais da literatura, que assim, propicia para que diversos autores possam representar sua realidade, ou transformá-la em diferente aspecto de mesma configuração, trazendo o imaginário para sua realidade, e fazendo dessa realidade uma busca encantadora no seu interior. Silva (2004) nos diz que a ficção se mostra como campo privilegiado da descrição do real e que, se tratando da poesia, somente esta “tem a força, beleza e capacidade de atingir dimensões do humano que a linguagem comum dissimula [...] sendo que a linguagem poética, plurissignificativa, revela através de suas metáforas as experiências humanas dificilmente dizíveis em linguagem cotidiana”. Porém essa concepção de literatura está presente claramente nas obras do autor Jorge Luís Borges.

Visto que na filosofia, na literatura, e em tantas outras áreas de pesquisas, percebe-se que o mito do duplo está presente com todas as sugestões filosóficas, psicanalíticas e morais. O termo duplo chama a atenção para dois fenômenos: o mesmo/eu e o outro/duplo. O mesmo diante de uma possibilidade instantânea de reconhecer a si mesmo através do outro e para tanto apoderar-se daquela imagem que é sua. Porém a convivência com o duplo mostra as mais complexidades existentes, visto que o duplo é um outro de si mesmo, um incógnita e reconhecida pela tamanha sensação de estranhamento que só este pode causar. Focaremos ainda de forma mais detalhada que a complexidade e o estranhamento parece, sobretudo fortes em todas as situações sobre as quais o efeito de duplicação imaginária pareça prevalente.

Na literatura, comparar acontecimentos sobrenaturais com a realidade, ou simplesmente caminhar um com o outro, é um ponto significativo para esse trabalho, uma vez que diante disso serão percebidas características estruturais dessa modalidade literária conhecida como fantástico ou maravilhoso, na tentativa de delimitarmos essas performances textuais que, como sabemos, tem suas particularidades. A título de justificativas, basta que pensemos nos trabalhos empreendidos por teóricos que nos apoiarão, do porte de Freud

(1919), Bakhtin (1997), Todorov (1975), Jung (1984), entre outros que empenharam-se na tentativa de desvendar os meandros do imaginário.

Nosso objetivo com este trabalho é empreender uma leitura da obra, em particular o conto “O outro” do volume *O livro de areia* (1983), do autor argentino Jorge Luis Borges na perspectiva de averiguar o quanto a literatura pode ser veículo de elucidação do próprio homem, através de uma busca constante de trazer seu passado e presente para conseguir uma melhor definição de si.

O presente trabalho obedecerá aos seguintes critérios para a análise. Este se encontra dividido em três partes. A primeira irá apresentar um pouco da vida e da obra do grande autor latino- americano, Jorge Luis Borges, fazendo referência aos seus grandiosos escritos, uma vez que este feito, iniciou-se ainda quando era muito pequeno.

No segundo momento, tentaremos colocar o conto em análise dentro do conceito amplo acerca deste aspecto de literatura, buscando um sentido mais objetivo para a ideia de literatura fantástica ou imaginária, uma vez que estes gêneros estão presentes em outros de seus contos, fazendo parte de mais uma de suas facetas literárias.

E na terceira e último etapa analisaremos o conto de modo que consigamos justificar uma ou outra das hipóteses levantadas acerca da temática, o duplo; uma vez que veremos como o fantástico encontro entre o narrador e os seus duplos, representam um momento de escolha que obrigam o “eu” a assumir ou rejeitar o “outro”, através de uma dialogo consigo mesmo possibilitando rememorar ou viver um tempo que não volta mais.

Neste sentido, este trabalho se justifica, não só por contribuir para a divulgação da genialidade desse grande autor, mas também para ampliar no contexto acadêmico, as discussões em torno da literatura fantástica bem como sobre a noção desse gênero literário que possui em seu interior a riqueza, a complexidade e as incertezas e possibilidades de encontro do seu *eu* com o seu *outro*.

1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E SUA OBRA.

Nascido em Buenos Aires, em 24 de agosto de 1899, Jorge Luis Borges passou a adolescência na Suíça e na Espanha. Em 1923 publicou o seu primeiro livro de poemas, *Fervor de Buenos Aires*, porém, foi com os contos de *Ficções*, publicado em 1944, que sua personalidade de escritor adquiriu um lugar de destaque na literatura mundial.

Pode-se dizer que, nessa trilha do fantástico, sua projeção de autor se deu ao publicar obras como: *El Aleph*, (*O Aleph*, 1949), *Otras Inquisiciones*, (*Inquisições*, 1960), *El Hacedor* (*O fazedor* 1964) e *El informe de Brodie* (*O infome de Brodie*, 1970). Além dessas publicações, escreveu vários livros de poesias e de ensaios, sozinho, ou em colaboração com outros autores, tratou dos mais diversos assuntos capazes de ir além de sua imaginação, provocando no leitor o prazer pelo enigmático.

De 1955 a 1973 Borges foi diretor da Biblioteca Nacional da Argentina. Nesse mesmo período, a cegueira progressiva levou-o a interromper seus cursos de literatura inglesa e norte americana na Universidade de Buenos Aires, porém esse fato não o impediu de ser professor de poesia nos Estados Unidos, no período de 1969 a 1968. Jorge Luís Borges faleceu em 1986 e foi enterrado em Genebra, cidade que como dizia, recordava sua juventude.

Em sua casa, tanto o inglês como o espanhol, faziam parte de sua rotina, visto que sua avó paterna era inglesa. Seu pai trabalhava como advogado era um anarquista filósofico e, também, professor de psicologia na Escola Normal de Línguas Modernas; sua mãe, Leonor Acevedo, por outro lado, desde o dia em que também aprendeu o inglês, fez maior parte de suas leituras nessa língua. Entretanto, depois da morte de seu esposo, descobriu que não podia fixar sua atenção apenas nas páginas escritas, experimentou fazer traduções das quais algumas foram publicadas.

Desde muito cedo, Borges viveu em um ambiente onde os livros eram seus principais companheiros. Seu pai tinha uma Biblioteca, que ele nomeou como o mais importante acontecimento de sua vida (BORGES, 1899, p. 71). Ele costumava dizer que nunca se perdera fora daquela biblioteca, apesar de míope, conseguia tão nitidamente descrevê-la, afinal passou a maior parte de sua vida entre aquelas prateleiras, onde cada vez mais se encontrava se descobria e (re) descobria coisas que apenas sua imaginação e os livros permitiam.

Borges começou a escrever pela primeira vez quando tinha apenas seis ou sete anos de idade tentando imitar os autores clássicos espanhóis e, principalmente, Miguel de Cervantes. Segundo o autor argentino, escrevia num inglês bastante ruim, um tipo de manual

de mitologia grega. “Talvez essa tenha sido minha primeira aventura literária” (BORGES, 1971, p. 73). Sua primeira história foi um escrito à moda de Cervantes, para ele um antiquado romance de cavalaria, chamado *La Visera Fatal*.

Aos nove anos aproximadamente fez uma tradução de *O príncipe Feliz* de Oscar Wilde para o espanhol que foi publicado em um dos diários de Buenos Aires, *El País*. Borges leu diversos livros, enciclopédias, romances e contos. Leu *Don Quixote* em algumas de suas versões, da qual em cada uma delas encontrava uma pobreza de significados, o contrário quando leu na tradução original, *As mil e uma noites* de Burton, que era proibido para a época, e por isso teve de lê-lo às escondidas. Em espanhol leu também muitos das obras de Gutiérrez, José Hernández, Sarmiento, entre outros que, naquele momento, ele era proibido por sua mãe de lê-los; Borges também gostava de livros de mitologia grega e nórdica.

Anos mais tarde, por sua própria iniciativa, fora da escola, iniciou o estudo do alemão, passando então a conhecer a literatura alemã, e depois a francesa e a italiana. Leu e releu a Divina Comédia no original, em mais de uma dúzia de edições diferentes, e tantos outros, embora ele não conseguisse falar ou acompanhar com fluência o italiano. Em cada uma de suas leituras ou traduções ele conseguia fazer uma crítica, percebendo e citando a pobreza contida nos textos e, conseqüentemente, enriquecendo cada vez mais os seus conhecimentos. Olmos explica como Borges descrevia essas atitudes no ato da leitura:

O prazer da leitura reside, então, nesse núcleo indecifrável da experiência estética que exige uma atitude de entrega do leitor à realidade outra que todo livro encerra ou, em outras palavras, certa ingenuidade que o leva a se aventurar por caminhos deleitáveis. (OLMOS, 2008, p. 85)

Ou seja, Borges não se limita, ao buscar um texto literário, a descrever suas peculiaridades, segundo os procedimentos habituais da reflexão crítica, pois prefere se perguntar porque esse texto o comove, e conjecturar os motivos da misteriosa atração que exerce sobre ele. Para Borges a leitura supõe uma emoção da sensibilidade que atualiza o enigma da experiência estética. Ele traz e explica até mesmo o inexplicável, enxerga além de sua própria imaginação e acredita que isso é o que leva o leitor/autor a construir seu próprio mundo, ou seja, sua experiência de leitura precedeu o conhecimento do mundo, apagando os limites entre aquilo que é vivido e aquilo que é imaginado. Retomando Olmos, “[...] o livro, a leitura e a biblioteca fundam a imaginação poética de Borges, e parecem se desdobrar nos seus poemas, contos, ensaios”. (OLMOS, 2008, p. 8)

Borges dedicou parte de sua vida às letras, pois a leitura para ele era uma forma de felicidade, sendo outra, para ele em parte menor, a criação poética. Ele deixa claro que o ato da leitura é a instância fundadora de sua escritura, no entanto, ela é também a matriz de uma narrativa autobiográfica, que reconhece nas sugestões da leitura algo não menos vivido que qualquer outra experiência humana; que coloca em um mesmo plano a imaginação literária e sua experiência de mundo, que permeia o relato de sua própria vida, porém de forma indireta. Autor enigmático, Borges com sua cegueira progressiva desde os 55 anos, parece ter sido criado ou criador de si em seus próprios contos, ou seja, Borges é/foi um personagem de si mesmo e através de seus contos, sua nostalgia, seus mistérios e principalmente sua genialidade. Privado de ver o mundo passou então a recriá-lo com ajuda de sua inesgotável imaginação, utilizando de espelhos, relógios, símbolos e personagens que quase sempre foram atingidos pelo seu próprio destino. A esse respeito é importante à fala do próprio Borges quando afirma que:

“Não criei personagens. Tudo o que escrevo é autobiográfico. Porém, não expresso minhas emoções diretamente, mas por meio de fábulas e símbolos. Nunca fiz confissões. Mas cada página que escrevi teve origem em minha emoção”.

(BORGES, disponível em:

http://www.artelivre.net/html/literatura/al_literatura_jorge_luis_borges. Acessado em 15/11/2011).

Em Borges podemos perceber que através de suas obras de temas variados, ele retrata o fantástico, o gênero policial, isto é, ficções que trazem o irreal. Dessa forma, ele está nada mais nada menos que brincando com a realidade, com suas emoções, de forma que ele mesmo entre em uma busca constante de si mesmo, no intuito de encontrar e se defrontar com sua subjetividade. É através de suas personagens, seu *eu* poético que ele ultrapassa o limiar dos planos existenciais. São elas que possibilitam-no transitar entre o real e o imaginário e, é claro, o seu leitor só tem a ganhar, pois caminha junto com Borges em seus labirintos.

Ainda falando de seu gênio criador, só a título de explicação, em 1938, Borges sofre um acidente que o leva a passar quase uma semana no hospital acometido por alucinações e, em seguida, é submetido a uma cirurgia. Tempos depois, iria escrever isso em seu conto *El Sur (O Sul)*, onde ele e o personagem central têm muito em comum. Assim, como outras de suas obras, o leitor de Borges vai se confrontar com um alter-ego quase que indistinto do próprio autor, ou seja, Borges é um duplo de si; é o reflexo de si mesmo, os espelhos que, “como a procriação são assustadores, por duplicar o homem,” palavras borgeanas.

Com estilo único, ousado, desafiador, Borges, dessa forma, mostrava ou, pelo menos, tentava expressar suas angústias, através de uma produção ficcional e/ou

autobiográfica, deixando o leitor embaraçado e/ou cercado por esses labirintos, como se estivesse frente a mil espelhos, sem encontrar definições precisas de si próprio. Nisso, o leitor de Borges chega a defrontar-se com situações pouco comuns em sua narrativa, deparando-se com momentos de imprecisão da realidade. Entretanto, é esse mistério que pensamos ser a causa de Borges ser um dos autores hispano-americanos mais lidos e estudados na atualidade.

2. O FANTÁSTICO COMO UMA DAS FACETAS LITERÁRIAS DE BORGES

A literatura hispano-americana está representada por nomes grandiosos no que concerne a literatura fantástica. Esses nomes se avolumam com autores do porte de um Gabriel García Márquez, de um Júlio Cortázar, de Bioy Casares, e é claro, para não nos estendermos no leque dessa diversidade de autores, por Jorge Luis Borges. Cabe assinalar que, dos diversos temas explorados por Borges, encontramos o fantástico como uma das marcas de sua escritura, a que já apontamos em nosso trabalho. A esse respeito, no que se refere às características borgeanas é pertinente o que diz Olmos, quando afirma:

As reflexões estéticas e as especulações filosóficas do autor espalham-se nessa multiplicidade de textos que se caracterizam pela concisão, a diversidade de temas e o caráter conjuntural de sua elaboração. (OLMOS, 2008, p. 82).

O excerto acima vem justificar a importância literária de Borges para a cultura literária. Sua produção ficcional, rica de significado, recheada de símbolos, vai evidenciar um homem inquieto e, ao mesmo tempo, interagindo com os mais variados temas, ou seja, a principal característica de Borges é a natureza universal de seus textos. Sua produção exige um leitor mais que comum; exige, do leitor, uma erudição que esteja em consonância com aquilo que é produzido em seu edifício ficcional.

Partindo de suas narrativas fantásticas, Borges é considerado dentre outros, como um dos nomes grandiosos da contemporânea literatura fantástica hispano-americana. (MASINA, 2001, p. 5). É um dos autores que mais surpreendem com o uso de palavras, símbolos, levando o leitor para o seu universo fantástico e/ou dualista de uma maneira subjetiva. Um bom exemplo é o conto “O outro”, objeto de nossa análise, onde o autor nos coloca frente à inconstância e a incerteza da possibilidade do encontro do *Eu* com o *Outro*, que seria ele Mesmo. Como diria Todorov, “Saímos do fantástico para entrarmos num gênero parecido: o estranho e o maravilhoso, quando escolhemos uma ou outra resposta”. (2008, p. 148).

O próprio Borges no conto acima citado corrobora o que dizemos, quando afirma que, “seus contos de raízes fantásticas” (1983, p. 12) farão parte de sua arquitetura ficcional. Ou seja, ele não foge e nem tenta fugir desta característica tão rica, que é essa busca do irreal, o poder encontrar-se com seres que não fazem parte de nossa realidade, porém, por outro lado, não se distancia do que chamamos de uma vida comum.

Nas obras de Borges há duas premissas fundamentais. A primeira, diz respeito ao caos que governa o mundo deixando o homem em uma espécie de dilema existencial. Por outro lado, a segunda, refere-se ao caráter da irrealidade de toda a literatura (Apud JOSEF, 1974, p. 43). Para ele, o homem diante desse caos está perdido como se perderia em um labirinto, visto que ele traz a tona essa mistura incessante de ficção e realidade, até confundir uma com a outra, e essa criação literária passa a ser compreendida como um processo de transfiguração do real, sem, no entanto, esse real abandonar o criador, ou esse criador de sonhos que é um autor, logo, trazendo como resultado uma plenitude de significados, sugestões e associações do fantástico e do real. (Ibid, p. 46) Daí, o leitor ser provocado pelas incertezas que, ao mesmo tempo encanta e o leva sentir-se dentro dessas emoções.

As metáforas do tempo, do espelho e do labirinto ajudam a decifrar aspectos fundamentais em Borges, uma vez que ele recria seu mundo por meio de multiplicação linguística, a partir da linguagem multifacetada de seus textos produzindo uma magia (des) norteadora na psique do indivíduo. Parece-nos que Borges deseja, a partir de suas metáforas, fazer-nos compreender o mistério profundo da alma humana. Para isso, ele criou uma literatura *especular*, em que seu leitor pudesse, como ele, ver-se a si mesmo no espelho do rio ou, no espelho/folha de seus livros.

Nesse sentido, o homem torna-se imortal através da escrita e da literatura e, só através desta, pode lutar contra a finitude do ser, pois a literatura possibilita a esse homem imortalizar-se e, portanto, vencer o caos que tanto o atormenta. Em resumo, a literatura é o refúgio das agruras do existir. Nesses termos, Borges utiliza as figuras dos labirintos, dos espelhos e das bibliotecas como meios que levam o leitor a (re) descobrir a realidade e, assim, a partir dos inúmeros intertextos, característica cara a Borges que servem como mapa, caminho, trilha para se sair do espaço caótico da vida.

Desse modo, é notória a exploração do imagético em referência ao passar do tempo (a areia da ampulheta que marca esse passar), não é a toa que o conto “O Outro” encontra-se em um livro cujo título é *Livro de Areia*, pode-se dizer que é a extensão de sua metáfora em atividade no que se refere ao passar dos tempos, da vida, do existir, etc. Assim, percebemos

no conto em análise, quando ele faz menção, ao olhar para o rio, à imagem de Heráclito. “Como era inevitável, o rio fez-me pensar no tempo. A milenária imagem de Heráclito”. (BORGES, 1983, p. 11). A filosofia heracliteana vai, justamente, dizer que “jamais passaremos na mesma água de um rio duas vezes seguidas”, pois, o que prevalece é, única e exclusivamente, a certeza da *passagem*, do tempo escorregadio.

Portanto, Borges criava em sua literatura, de natureza universal, sua lógica do particular, isto é, a lógica interna do fantástico, e assim procedendo, cercava seus escritos de grandiosas referências filosóficas e poéticas emprestadas de suas várias leituras, ou devidamente inventadas para a ocasião.

Dessa maneira, Borges conseguia fazer o diferencial, o original, ao escrever seus livros. Neles, como já apontamos, trazia espelhos, labirintos, narrador-autor-personagem, e tantos outros símbolos que representam a multiplicidade dos caminhos humanos, dando ao leitor a possibilidade de deixar o mundo comum para trás, postando uma nova vida diante de seus olhos, e é aí, que a aventura começa.

Para Tzvetan Todorov (1975), o maravilhoso é quando novas leis da natureza são permitidas, pois não há surpresa diante dos fatos. Ou seja, há fatos diante das surpresas, que só a literatura borgeana é capaz de trazer, tal como ocorre, no conto “O outro”:

[...] Seria dez da manhã. Eu estava recostado num banco, em frente do rio Charles. [...] A água parda arrastava grandes pedaços de gelo. Eu tinha dormido bem; e, segundo creio, a minha aula a tarde anterior, conseguira interessar os alunos. Não se via viva alma. De repente tive a sensação (que os psicólogos dizem corresponder ao estado de fadiga) de já ter vivido aquele momento. Sentara-se alguém na outra ponta do banco. Eu preferia estar sozinho, mas não quis levantar-me logo, para não parecer incorreto [...] aproximei-me e disse: você é uruguaio ou argentino? Argentino, mais vivo em Genebra desde quatorze [...] nesse caso disse eu, muito convicto – o seu nome é Jorge Luis Borges. Eu também sou Jorge Luis Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge. [...] não – respondeu ele com a minha própria voz, um pouco distante. Estou aqui em Genebra. É estranho sermos parecidos, mas o senhor é muito mais alto e tem cabeça grisalha (BORGES, 1983, p. 9-10).

Nesse instante, percebemos a surpreendente irrealidade que permeia o conto: é o Borges autor/personagem, descrevendo um fato ocorrido, a qual sabemos que não teria a menor probabilidade de ser real, pois ultrapassa as leis da natureza humana. No entanto ele o traz com tanta verossimilhança, deixando o leitor maravilhado a questionar a possibilidade de ter sido ou não real, principalmente quando afirma que: “não o escrevi antes, pois a minha primeira intenção era esquecê-lo para não perder o juízo”, (1983, p. 9). É essa menção do

autor/narrador a responsável por acreditarmos ou duvidarmos se tal situação foi real, ou se não passa de mais uma das ficções do Borges/ autor.

No conto analisado, é possível conjecturar, que ele gera diferentes leituras hipóteses, além disso, por misturar fatos verdadeiros e falsos, incita leitores e críticos ao trabalho árduo de buscar decifrar esse grande autor latino-americano. Mesmo que este seja indecifrável.

A literatura entendida não como uma simples cópia da real que nos cerca, pode proporcionar outras percepções conceituais desse mesmo real. Vivendo em um mundo do absurdo, como diria Albert Camus, em um verdadeiro labirinto caótico, transitório e provisório de convenções temporais, a literatura é essa possibilidade de ordenação de nossas inquietações e retenção, pelo menos em termos simplório, desse tempo/relógio/areia que escapa por entre as mãos. Superar e conseguir sobreviver a este caos dependerá de uma capacidade mental de construção de significados para uma realidade cotidiana ainda melhor.

A literatura parece ser então, um campo para a reflexão e singularização dos processos da vida humana sem que se coloquem limites geográficos e/ou temporais às pessoas. Por isso, podemos dizer que a ficção literária torna-se mais real que a realidade.

O conto em análise é permeado por oposições que são criadas a partir de uma tensão dualística que ocorre, por exemplo, nos opostos: sono/vigília, realidade/sonho, vida/morte, animado/inanimado, luz/escuridão. Irène Bessièrre destaca, ao tratar da ambiguidade no texto, que o “[...] protagonista-narrador é aquele que designa a duplicidade da narração fantástica, e a contradição que ela aplica” (BESSIÈRE, 1974, p. 169). Ou seja, mesmo quando tratamos de um fato em que os personagens são duplicados, no verdadeiro encontro do *eu* com o *outro*, pode-se perceber a presença também da literatura fantástica, pois no decorrer do conto, encontramos traços desse grandioso gênero textual.

Para se encontrar na realidade do autor Borges, é preciso se entregar ao misterioso mundo da ficção. Na relação, nada simples, entre o universo da ficção em que a realidade pode ser vista por espelhos e o mundo do real, a realidade se apresenta como inacreditável. Percebe-se que em seus contos pode significar este deslocamento em que não se sabe, o limite entre o sonho e o sonhador, onde termina o fictício e onde inicia a realidade; o que é máscara e o que é rosto:

Borges se propone en el plano del arte de la literatura fantástica – la tarea que acomete la metafísica idealista, en el plano de la realidad: se el mundo sólo existe como mi idea del mundo – también yo, parte de ese mundo – soy sólo una idea en esa mente que percibe o que me proyecta como una percepción . [...] en cambio a los seres históricos y reales, Borges los convierte en los personajes ficticios. Cuando finalmente devuelve al César lo que es del César, y el narrador del cuento nos revela la solución que explica las incoherencias de esas identidades en constante

movimiento (porque nadie sabe quién es), Borges convierte al narrador en personaje de su propia narración. (ALAZRAKI, 1968, p. 88).

Percebe-se que entrando nos contos de Borges, garante-se o esquecimento do próprio destino humano, pois através da ficção é possível evadir-se da inevitável aceitação do mundo real com suas experiências e fragilidades humanas, ou seja, é a possibilidade de encontrar e viver uma realidade, ainda não consistente, que nos daria uma das melhores sensações de inquietações, visto que, é claro, não sai das leis naturais, que se conhecem.

No máximo, pode-se dizer que são acontecimentos estranhos, insólitas coincidências, porém decisivos. Produz-se um acontecimento que a razão não pode explicar, como, por exemplo, Borges encontrar-se com seu outro. É algo enigmático, no entanto, o leitor procura com todas as suas forças encontrar uma explicação racional para os fatos que o cercam, fazendo-o quase acreditar, nesse encontro do *eu* com o *outro*. Eis a fórmula que melhor resume e define o espírito do fantástico. Para Todorov (2008, p. 150) “A fé absoluta, como a incredulidade total, nos levam para fora do fantástico; é a hesitação quem lhe dá a vida”. Ou seja, o fantástico implica, pois uma integração do leitor com o mundo das personagens define-se pela percepção ambígua que o leitor tem dos acontecimentos narrados. Isso ocorre quando esse leitor se identifica com as personagens, mas, ao mesmo tempo, há uma hesitação deste frente a acontecimentos que são inexplicados.

3 BORGES E O DUPLO DE SI – UMA LEITURA DO CONTO “O OUTRO”

Não é recente a discussão do tema do duplo, pois a literatura, a filosofia, assim como a psicanálise, empenharam-se e empenham-se em desvendar os meandros da alma humana defrontada consigo mesma. Quando se pensa nos estudos que se voltam para um sujeito extensivo dele próprio, os estudos psicanalíticos consideram como sendo um desejo desse indivíduo de reter, por que não, “o passado no presente”. Freud (1919), afirma que:

[...] o duplo apesar de nos parecer algo de estrangeiro, estranho a nós-mesmos sempre nos acompanhou desde tempos primordiais do funcionamento psíquico, estando sempre pronto a ressurgir e provocando-nos uma sensação de inquietante estranheza. (FREUD, 1919, p. 23).

Percebemos também que concepção do duplo está ligada a uma possível ideia de oposição, entre a cultura agenciada pelo homem e a natureza, da qual o homem seria o objeto. Assim como também as religiões fundamentadas no Antigo testamento, e aos monoteístas,

quando afirma que, o homem é a imagem semelhança de Deus, ou seja, desde primórdios, o duplo, e o estudo do mesmo termo, é muito antigo e ainda presente na atualidade.

Segundo Nerval (1831), “[...] o homem é duplo ou múltiplo, pois carrega a ideia de desdobramento, já que a identidade é uma dualidade sujeita a indefinidas ressonâncias e disfarce [...]”. Nesse contexto, percebe-se a capacidade do homem (ser humano) construir diversas personalidades, carregando a capacidade de disfarçar, muitas vezes em uma situação benéfica para si, seu *eu*, seu *outro* e seus diversos caráter (es).

Assim sendo, e partindo dessa consideração, é que notamos na ficção de Borges e, especificamente, no conto “O outro”, pertencente a obra *O livro de Areia* (1983), objeto de nossa análise, o personagem confrontando-se, em um diálogo conciso com ele mesmo, através de um encontro que beira o onírico deixando o leitor atordoado diante do plano dialógico entre as duas personagens que acabam por ser uma só.

Nesse conto, a ação ocorre em um espaço de tempo distinto e simultâneo. Encontramos dois Borges, um jovem e outro mais velho, que começam a dialogar diante de uma situação inexplicável, até mesmo para os personagens. No conto, o narrador explica que não o havia escrito antes, “[...] pois sua primeira intenção era esquecê-lo [...]” (BORGES, 1983, p. 9). No entanto, escrito no ano de 1972 três anos depois, pensa que será como se fosse um conto, o que mais tarde talvez também seja para.

Assim, no conto “O outro”, o narrador inicia falando do encontro que havia ocorrido em 1969. Sentado em um banco, em Cambridge, observando o rio Charles; teve a sensação de *déjà vu*. E a “[...] imagem do rio o fez pensar no tempo [...]” (BORGES, 1983, p 9). Preferia estar só, mas foi surpreendido por uma situação que provocou um desconforto. Um rapaz sentara-se ao seu lado, assoviando uma música, estilo crioulo de *La tapera*. O narrador, que se automeia Jorge Luis Borges, o reconhece no outro, que é ele mesmo, porém, bem mais jovem, com a idade a que teria em 1918; e em lugares e tempos distintos. Surpreso por tamanha semelhança tenta não acreditar no fato, porém o Borges mais velho busca provar-lhe que não está equivocado, que eles são o mesmo.

O Borges (de 1972) narra o diálogo ocorrido entre o Borges mais velho de 1969 e o Borges mais jovem de 1918. O mais velho relata histórias passadas, que seria o futuro do *outro*, que só mesmo o *eu* (Borges de 1969) poderia conhecer. Enfim tenta comprovar o que dizia. Tantos detalhes reais, porém, não impressionam o outro (Borges de 1918), uma vez que este acredita, está em um sonho, e, portanto seria natural, que este o conhecesse:

Não. Essas provas nada provam. Se eu estou a sonhá-lo, a si, natural será que o senhor saiba aquilo que sei. O seu catálogo prolixo não serve de nada. (...) se esta manhã e este encontro são sonhos, cada um de nós tem de pensar que ele próprio é o sonhador [...] e se o sonho continuar? (BORGES, 1983, p. 11)

Para tranquilizá-lo, o Borges mais velho fingiu estar calmo, dizendo que se for um sonho, este dura já há quase setenta anos. Percebemos neste trecho uma semelhança entre o autor, Borges de 1972, e o personagem Borges de 1969. Nesse momento também, define-se sonhar, como relembrar o passado, e assim estaria se reencontrando, afinal, ao rememorar, “[...] não há pessoa que não se encontre consigo mesma ao recordar-se.” (BORGES, 1983, p. 11).

Os personagens continuam a dialogar: o Borges de 1969 dizendo como seria o futuro do Borges de 1918, descrevendo detalhadamente as situações que este vivenciou, em um passado bem distante, falando sobre família, guerras existentes na época, obras lidas e publicadas. Entretanto, o Borges mais Velho, percebe que o mais novo tinha em mão uma obra, sobre a qual ele quis saber; o mais novo responde dizendo, que era *Os possessos* de Dostoievski, citando outras duas ou três, e por fim citou o “Duplo”, cuja leitura o mais velho já havia feito, uma vez que esse autor fez parte de sua vida literária.

Depois de tantas conversas e de tantas surpresas, ocorridas naquela manhã, os dois decidem se despedir, sabendo que nunca mais iriam se encontrar. O Borges narrador pensa nesse instante que:

O encontro foi real, mas o outro conversou comigo em sonho e pode assim esquecer-me, eu conversei com ele acordado, e apesar disso atormenta-me recordá-lo. Sonhou-me o outro, mas não rigorosamente. (BORGES, 1983, p. 18).

Percebe-se nesse instante que o narrador Borges (de 1972) insiste na hipótese de um sonho o que seria pouco provável, duas pessoas sonharem o mesmo sonho, e ainda dialogarem nele. Mesmo que a mente não leve em consideração a probabilidade desse acontecimento, a palavra sonho se repete várias vezes na narrativa, onde esta recorrência acentua a ideia de que para o Borges mais jovem, seja mesmo um sonho, e que, para o mais velho, vai mais além deixando implícito que a vida é realmente um sonho, uma vez que o seu, “[...] já havia durado setenta anos.” (BORGES, 1983, p.11).

Jung comenta, “que entre o que faço” e o “que estou consciente daquilo que faço”, não há somente uma distância imensa, mas algumas vezes uma contradição aberta. Consequentemente existe uma consciência na qual o inconsciente predomina, como há uma consciência em que domina a autoconsciência. (1984, p. 126). Jung tenta mostrar que o

homem não é consciente de tudo, afinal, não é possível dizer que temos consciência sobre as coisas do mundo e sobre nós mesmo.

Diante desse fato, pode-se analisar que o Borges narrador realmente viveu um sonho, ou um momento de inconsciência, afinal uma das formas de superação dessa divisão entre consciente e inconsciente, se dá na busca de um diálogo entre *um* e *outro eu*, e nas contradições que eles podem apresentar um ao outro em busca de uma melhor definição de si. O que se definiria como o Borges narrador, consciente, porém, o que predominava nos Borges personagens era o inconsciente.

Essa duplicação que Borges explora em alguns de seus contos nos faz refletir sobre a possibilidade do encontro do *eu* com o *eu mesmo*, trazida de uma forma que permite ao leitor a questionar a possibilidade desse fato ter sido real. Assim sendo, Borges brinca com o fantástico e o maravilhoso, lançando mão do imaginário e da memória, sendo esta, outra interpretação possível, ou seja, ao invés do sonho, seria a recordação do passado, visto que o senhor Borges ao dialogar consigo mesmo refere-se a esse encontro como um ato de rememorar o passado e dá continuidade a identidade pessoal. Por tanto a memória, como a individualidade, possui uma natureza descontínua e variável. Para Borges o homem de ontem, não é o homem de hoje, e ambos os Borges estão unicamente unidos pelo nome, existindo na realidade como duas pessoas distintas.

Por detrás dessa conversa de pessoas de leituras variadas e gostos diferentes, compreendi que não podíamos entender-nos. Éramos demasiado diferentes e demasiado parecidos. Não podíamos enganar-nos o que faz difícil o diálogo. Cada um de nós era o arremedo caricato do outro. De tão anormal a situação não podia durar muito mais tempo. Aconselhar ou discutir era inútil porque o inevitável destino dele era ser o que eu sou. (BORGES, 1983, p. 16).

Há um encontro de pessoas distintas, porém, parecidas em alguns aspectos, uma vez que, o Borges velho traz consigo a maturidade do conhecimento, leituras e tantas outras coisas, o que nesse momento ainda está muito distante do Borges jovem. Há uma singularidade desse aspecto pessoal, que será pertencente ao mais novo, apenas em momentos futuros. Na verdade, trata-se, de uma busca de seu passado e do seu próprio *eu*. Quando Borges menciona a teoria de Heráclito, percebe-se que ao olhar para o rio, ele rapidamente pensa no tempo, nas águas do rio que correm renovando-se sempre, ou seja, Heráclito e seu rio referem-se ao passar do tempo, cujo tempo não volta mais.

Segundo Kepler (1972), o “outro” é idêntico ao original, e diferente ao mesmo tempo, podendo até ser o total oposto do “eu”, um paradoxo complexo que provoca no “eu”

original, um fascínio, ou uma aversão ao outro. Daí, a distinção entre o Borges velho de 1969 e o de 1918. Uma mudança causada pelo tempo e revivida em sua memória, a de Borges de 1972, o autor.

O tema do duplo, recorrente em muitos trabalhos de Borges, é verificado no poema “Borges e eu”, pertencente ao livro, *O fazedor*. Borges confronta aqui o ser individual, autor/narrador e um outro Borges, com a diferença de nesta poesia, os personagens, estarem no mesmo momento. Quando um narrador é narrador e personagem ao mesmo tempo, a complexidade, sem dúvida, aumenta. Esse tipo de narrador, segundo Todorov, é o que “[...] convém, pois, perfeitamente ao fantástico [...]” (TODOROV, 1992, p. 91), por deixar presente tanto a incerteza quanto a veracidade dos fatos, o que por sua vez é uma exigência para que o fantástico ocorra.

A poesia se inicia, com Borges dizendo: “Ao Outro, a Borges é que acontecem as coisas”. (BORGES, 1960, p. 29). Então esta segue com o Borges narrador e personagem, falando de seus gostos, seus feitos e suas vontades, expressando as semelhanças e, ao mesmo tempo, as diferenças entre seu outro Borges. Como protagonista do texto, fica imerso na tradição universal da literatura, enquanto ao personagem, percebe quando Borges declara:

Eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa urdir a sua literatura, e essa literatura justifica-me. Não me custa confessar que consegui certas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o bom já não seja de alguém, nem sequer do outro, mas da linguagem ou da tradição. Quanto ao mais, estou destinado a perder-me definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. (BORGES, 1960, p 28)

Nesse momento um acordo pode ser notado garantido pela própria literatura, à medida que, o *eu* do autor precisa da existência do *outro Borges* para justificar-se, e ambos sofrem a condenação de viver o “*eu*” para o “*outro*”. Borges nos apresenta uma dupla versão de si mesmo, em que se conjuga o individual e o universal, o externo e o interno. A criação das personagens, mediadas pela linguagem, se faz perceptível aos segredos do seu “*eu*”. Para Bakhtin “[...] o homem não tem território interior soberano, ele está todo e sempre na fronteira. Ao olhar para dentro de si mesmo, ele olha o outro nos olhos ou pelos olhos do outro [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 212). Portanto através da referência de si mesmo, Borges não se mostra diretamente, ele se oculta por trás das máscaras que ele deu aos seus personagens, disfarçando-se, duplicando sua identidade e alteridade do seu outro Eu.

Desse modo, a presença desse *Outro*, expressa uma diferenciação criada pelo sujeito para concretização da sua própria identidade, seu próprio eu. Tais reflexões demonstram que:

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, [...] que é capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria [...] (BAKHTIN, 2006, p. 33).

O *outro* é revelado pelo pensamento bakhtiniano como o verdadeiro formador da imagem do *eu*, pois é somente por meio dele que o *eu* se compreende. É essa imagem formadora do *eu* nos contos acima citados, responsável pela construção de sua identidade. Porém, o duplo da personalidade, focalizados por Bakhtin e apresentados pelos personagens borgeanos, expressam a visão da imperfeição e do inacabamento do ser humano, ou seja, a busca do eu no seu outro/eu mesmo, tema que circunda a literatura desde suas origens. E Borges conclui o seu texto dizendo:

Há anos tratei de me livrar dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei de imaginar outras coisas. Assim, a minha vida é uma fuga e tudo perco, tudo é do esquecimento ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página. (BORGES, 1960, p. 29).

No entanto, não saber qual dos dois escreve a página, mantém o duplo como um enigma como uma confusão sobre si mesmo em Borges. Nesse fragmento, percebe-se que o Borges narrador/personagem, precisa abrir mão de sua vida, deixando para o outro, ficando apenas uma dúvida da possibilidade desse encontro enquanto autor/personagens, e esse inevitável conflito do *eu*, com o outro, que acaba por ser um só, tornando-se um mito que, por mais discutido que seja por diversas áreas do conhecimento, é literário.

Entendemos desse modo, que uma das formas que a literatura tem para revelar conflitos, complexidades ou incógnitas do homem com ele mesmo está no recurso mais simbólico do duplo, que proporciona interpretações no próprio sujeito, ou personagens aludidos pela literatura. Borges autor, faz isso com maestria. Sua obra foi seu próprio espelho e fonte simbólica para pensar e entender seu *eu* e seu *outro* mais interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos com esse trabalho que a literatura fantástica, ou a narrativa que retoma a o velho tema do duplo, em que esta aparição se faz através do espelho, da água, da sombra ou simplesmente da memória da qual faz de cada um de nós espectador e ator de nós mesmos, está mais presente em nossa vida do que podemos imaginar. Afinal, sua intenção a priori era fazer com que os leitores fossem bastante diferentes para serem dois e um tanto parecidos para serem um. Contos do passado, ricos em símbolos e mitos criaram no imaginário a capacidade de, através da fantasia, conhecer a nós mesmo.

Portanto, ler Jorge Luis Borges é na verdade ler o novo e também trilhar o caminho na filosofia das essencialidades humanas, da simplicidade e do complexo do lirismo do *outro* no *eu*, ou o *eu* no *outro*. É ver o passado no presente, o presente no passado e viver com esse e nesse existencialismo.

Seus contos não estão inseridos em um estilo definido, pois o autor passeia por diversas tendências da arte literária: o fantástico, o policial, o marginal. Porém suas propostas teóricas são magnificamente exemplificadas por sua produção ficcional. Seus contos são construídos sem qualquer preocupação realista, com suas próprias leis e constitui um universo altamente original. Para Borges a literatura fantástica se apegava à ficção, não somente para escapar da realidade cotidiana, mas sim para expressar o que a literatura realista não consegue mostrar ou trazer.

É justificável, portanto, que a literatura do nosso tempo contenha resquícios desse maravilhoso, fantástico e principalmente desse gênero vizinho, o imaginário, objeto aqui analisado. Por isso, neste trabalho, podemos afirmar que este se faz presente no conto “O outro”, do autor acima citado, e também principal objeto de nossa análise; assim como também amplia, significativamente as discussões acerca desses gêneros que foi e é tão importante para nossa sociedade de modo geral. Logo, nossas hipóteses se confirmam ao longo de nossa análise. Para concluir podemos dizer que a literatura fantástica do nosso século, em especial, a literatura borgeana, contém resquícios do maravilhoso e do imaginário através de seus contos, com suas configurações, enigmas, seus *EUs duplicados*, objetos e símbolos que também se duplicam na tentativa ou na certeza de encontrar uma melhor definição de si, e que ainda também estão presentes e estarão nessa literatura que permanece cada vez mais presente na nossa vida.

REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, Jaime. *La prosa narrativa de Jorge Luis Borges. Termos e estilo*. Madrid: Edítoria Gredos, 1968, p. 88

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BESSIÈRE, Irene. *O conto de fantasia. A poética de incerteza*. Paris, 1974.

BORGES, Jorge Luis. *O Fazedor, 1989*. Editora Globo,

BORGES, Jorge Luis. *O livro de Areia*, Ed. Estampa, 1975.

BORGES, Jorge Luis. *Elogio da sombra, poemas. Perfis, um ensaio autobiográfico*, Porto Alegre. Ed. Globo. 1971.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. Forma e ideologia no romance hispano-americano. São Paulo: Perspectiva, 1980.

Freud. 1919, *Das Unheimliche*, em *Gesammelte Werke*, vol. XII. Trad. Brasileira, Standard Edição Brasileira, trad. Imago, vol. XVII. *Sigo em Contos sinistros*, edição de Oscar Cesarotto. Trad. Max Limonad. São Paulo, 1987.

JOSEF, Bella. “*Borges: linguagem e metalinguagem*”. In: O espaço reconquistado. Petrópolis, Vozes, 1974. _____. História da Literatura hispano-americana. Petrópolis, Vozes, 1971.

JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Obras completas de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 1984, Vol. VIII/2.

MASINA, Lea. “*Murilo Rubião, o magico do conto*”. In: O pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos. Porto Alegre, 2001.

OLMOS, Ana Cecília. *Por que ler Borges*. São Paulo: Globo, 2008.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Eli Brandão da. O símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico. In. SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). *Literatura e estudos culturais*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução a Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Kepler, CF Em "*O Salvador*". *A Literatura do Second Self*, p263. Tucson: university of Arizona press, 1972.

Disponível em: http://www.artelivre.net/html/literatura/al_literatura_jorge_luis_borges.mh,
acessado em: 15/11/2011.